

CAMPINA GRANDE, CIDADE DO TRABALHO: OS ANOS JK

(Rafaela Felex Diniz Gomes Monteiro, UFCG; Rosilene Dias Montenegro, DHG/UCG)

Este trabalho se propõe analisar um dos aspectos do governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), um dos momentos mais singulares da história do Brasil. Nos interessa aqui, levantar algumas questões que visam contribuir para a análise de significativos aspectos políticos e econômicos desse período, que continuam despertando a curiosidade de estudiosos e leigos em busca de uma melhor compreensão desse momento de nossa história.

Partimos do pressuposto de que o governo JK é responsável por uma mudança no tocante às concepções de economia e de política. Percebemos, em nossa pesquisa, que a partir desse governo houve mudanças que fizeram com que o país se tornasse “mais moderno” deixando, aos poucos, o caráter conservador que mantinha até então.

O objetivo deste trabalho é analisar alguns aspectos referentes às mudanças políticas e econômicas ocorridas na Paraíba e, em especial, na cidade de Campina Grande. Neste sentido, o presente estudo se propõe investigar e problematizar como o desenvolvimento econômico desse período se imprimiu no imaginário coletivo. Utilizamos como fonte: registros de cartório, jornais da época, especialmente o Diário da Borborema, material da FIEP – Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, monografias produzidas pelo curso de Economia da UFCG, documentos do Museu do Algodão, e depoimentos orais.

O eixo norteador deste trabalho é o aspecto econômico do período do governo de Juscelino Kubitschek, na Paraíba, em especial a cidade de Campina Grande e cidades circunvizinhas. Nesse período houve na Paraíba, um efervescente momento de desenvolvimento econômico. A existência de vários monumentos, da arquitetura, de símbolos desse momento como, por exemplo, o Hotel Ouro Branco, os galpões de algodão (próximos ao supermercado Hiperbompreço, em Campina Grande), o Museu do Algodão, o Distrito Industrial, o Distrito dos Mecânicos, etc., demonstram o quão evidente é a herança deixada pelos anos JK, até hoje presente em nosso cotidiano.

Tentaremos, a seguir, mostrar um pouco da vida política e econômica dessa sociedade objetivando verificar como se deu a política econômica concernente à modernização que deu origem, em nosso país, a uma determinada concepção de política.

Nas décadas de 1950 e 1960 a Paraíba e praticamente todo o país viviam em pleno desenvolvimento econômico, que se relacionavam a vários acontecimentos políticos importantes. Nessas duas décadas a Paraíba colhia os lucros do desenvolvimento alcançado, o que pode ser constatado no glamour da vida e festas das elites dominantes nessas décadas.

A Paraíba vivia e sentia a modernidade que o restante do país estava vivendo. Com isso a sociedade paraibana não só se destacava em âmbito local, mas também em âmbito nacional. Outra expressão desse momento de desenvolvimento pode ser verificada na emancipação de 29 distritos, entre os anos de 1953 e 1959. Alguns desses distritos pertenciam à cidade de Campina Grande, como Fagundes, Puxinanã e Queimadas. Isso, todavia, não trouxe prejuízos financeiros para Campina Grande, uma vez que essas localidades ainda continuavam ligadas financeiramente a essa cidade, uma vez que essa cidade possui uma localização geográfica central e próxima. Campina Grande era, pois, um pólo que possuía uma atividade comercial intensa que atraía a atenção de comerciantes de outras localidades, que para lá se dirigiam para vender seus produtos e comprar o que necessitavam.

Campina Grande, para essas cidades se torna tão importante que no ano de 1958 recebe o *slogan* de “*Porta do sertão e centro do trabalho incansável*”. Como se sabe, a cidade, nesse momento, ficou conhecida como a “*Capital*

*nacional do trabalho*”. Tudo isso se devia a sua localização geográfica favorável, pois é uma cidade que se liga às principais micro-regiões econômicas.

Campina Grande crescia no final da década de 1950 economicamente numa “progressão geométrica”, é tanto que muitos afirmavam que a Paraíba possuía duas capitais, João Pessoa, que seria a capital administrativa e Campina Grande, a capital financeira. Nessa mesma década, Campina Grande chegou a possuir bancos próprios e nesse período inaugurou-se o banco do Estado da Paraíba SA e o Banco das Indústrias de Campina Grande.

Mesmo com todos os problemas resultantes da crise no governo federal e da inflação, a Paraíba conseguiu se sobressair, tornando-se uma grande exportadora de algodão e de agave, sendo o algodão seu principal produto de exportação. Uma consequência das exigências desse desenvolvimento pode ser constatada com a ampliação e modernização, em 1957, do porto de Cabedelo, de onde se escoava grande parte da produção. Outro meio utilizado para o escoamento dessa produção eram as linhas férreas.

A principal região produtora de algodão era o Sertão paraibano. Já a região produtora de agave se localizava, em parte, no Cariri, na cidade Pocinhos, que nesse período possuía duas indústrias de beneficiamento, e no Curimataú paraibano, na cidade de Cuité.

Como a agricultura paraibana vivia seu momento áureo, surgem na época associações rurais que eram apoiadas pela Associação Nacional de Crédito e Assistência Rural – ANCAR, hoje EMATER. Nesse período de grande desenvolvimento, a economia brasileira abria suas portas para o mercado externo. O dinamismo econômico daí advindo criava novas exigências como, por exemplo, a formação de mão-de-obra mais qualificada e especializada, o que implicou no surgimento, na Paraíba, de universidades e escolas técnicas profissionalizantes. Em Campina Grande, foram criadas a Escola Técnica Redentorista e a Escola Politécnica.

Sempre que viajava à Paraíba Juscelino Kubitschek passava em Campina Grande. Em 1956, JK vem a Paraíba e passa rapidamente por Campina Grande, o que representava um grande prestígio para a cidade que se concebia como “Capital do Trabalho”. Isso foi na administração do prefeito Elpídeo Josué de Almeida. Os prefeitos que administraram Campina Grande nessa década de 50 e 60 foram, Plínio Lemos, (1951 a 1955), Elpídeo de Almeida (1955 a 1959) e Severino Cabral (1959-1961), que ganhou a disputa eleitoral contra Newton Rique.

O discurso criado e utilizado na época era, em Campina Grande, “*o futuro mais moderno*”, frase espalhada em cartazes, out-door, e jornais da época. Esse ar de modernidade penetra no cotidiano dos paraibanos, primeiramente por meio do rádio e depois da televisão. A Paraíba transformava, assim, o seu “ar”, digamos, “conservador” para um “ar”, digamos, “mais moderno”, tudo isso graças ao discurso progressista e modernizador da era JK.

O levantamento de alguns aspectos econômicos, aqui expostos, e apresentados de forma sucinta, nos motiva a conjecturas sobre vários outros aspectos que ficam para trabalhos posteriores. A relevância desse nosso estudo reside, ao nosso ver, no fato de que Campina Grande perdeu esse *status* de “Capital do Trabalho”, de “futuro mais moderno”, e a importância que alcançou, sobretudo, nos anos de 1950.